

3,92. as idades modelo sm-nd variam entre 1,80 e 2,12 ga. os anfíbolitos da base da sequência apresentam enriquecimento em etr leves, anomalia negativa de eu e e_{nd} (calculado para 1,27 ga) entre +2,83 e +5,42, enquanto os do topo apresentam e_{nd} entre +5,72 e +6,00 com padrão de etr plano. o padrão de idades modelo dos anfíbolitos parece conter importante significado geológico, variando entre 1,0 e 1,7 ga, sendo que a variação das idades é inversamente proporcional à razão sm/nd das amostras. os anfíbolitos da porção superior apresentam valores e_{nd} mais elevados, idades modelo mais baixas, maiores razões sm/nd e são geoquimicamente semelhantes a n-morb, enquanto os anfíbolitos das porções média e inferior apresentam valores e_{nd} menores, idades modelos mais antigas e são semelhantes a t ou p-morb, o que é interpretado como resultado de grau variável de contaminação crustal, mais acentuado nas rochas da porção média a inferior e praticamente inexistente nos anfíbolitos superiores. Zircão de duas amostras de gnaisses da sequência Juscelândia

foi datado por SHRIMP. análises de zircão de biotita gnaiss granítico do córrego ponte alta resultaram em série de dados junto da concórdia, com idade calculada em 1263 ± 15 ma. os dados analíticos de zircão de biotita-muscovita gnaiss do ribeirão barra bonita revelam arranjo complexo: 7 pontos analíticos se agrupam sobre a concórdia em 1277 ± 15 ma; 6 dados, aparentemente de núcleos herdados, espalham-se acima disso, apontando para intercepto superior em torno de 2000-2200 ma, compatível com as idades modelo sm-nd; um dado cai junto da concórdia em 745 ± 10 ma, correspondendo provavelmente à idade do metamorfismo. A sedimentação e o vulcanismo bimodal da sequência juscelândia ocorreram na transição de rift continental para abertura de uma bacia oceânica, durante o mesoproterozóico, em torno de 1,27 ga atrás. a área fonte para o vulcanismo apresenta idade paleoproterozóica, sendo que as rochas do complexo barro alto podem ser consideradas como o embasamento da sequência Juscelândia.

CARACTERIZAÇÃO LITOFACIOLÓGICA DOS DEPÓSITOS FLUVIAIS DA FORMAÇÃO MARICÁ (NEOPROTEROZÓICO III), RIO GRANDE DO SUL

Chahrazéd Layaun Morenghi¹, Ana Paula de Meireles Reis Pelosi², Antonio Romalino Santos Fragoso-Cesar³

1- Graduação IGc/USP e bolsista PIBIC/CNPq, 2- Pós-Graduação IGc/USP e bolsista FAPESP, 3- Departamento de Geologia Sedimentar e Ambiental IGc/USP.

A Formação Maricá corresponde à unidade litoestratigráfica basal da Bacia Camaquã, sendo composta por diversos tipos de depósitos incluindo sucessões marinhas, deltaicas e fluviais que se desenvolveram durante o Neoproterozóico III (*vide* Pelosi e Fragoso-Cesar, neste congr.). O presente trabalho tem como objetivo descrever em linhas gerais as características litofaciológicas dos depósitos fluviais da Formação Maricá, que compreendem as sucessões dos membros Passo da Promessa e Sítio da Figueira.

O Membro Passo da Promessa corresponde à unidade basal da Formação Maricá, sendo composto por cerca 500 m de arenitos arcoseanos, arenitos conglomeráticos e, subordinadamente, níveis de conglomerados. A fácies mais comum é de arenito com estratificação cruzada acanalada, localmente com seixos e calhaus nos planos frontais das estratificações. Os *sets* das estratificações cruzadas apresentam dimensões de 2 a 3 m de largura, com espessuras variando entre 40 cm a 1 m. As fácies de conglomerados ocorrem na forma de bolsões lenticulares de dimensões decimétricas a métricas. No geral são maciços podendo apresentar estratificação cruzada acanalada. Conglomerados com gradação normal aparecem localmente em camadas decimétricas com geometria tabular.

O Membro Sítio da Figueira compreende os depósitos fluviais de topo da Formação Maricá, suas características faciológicas são semelhantes àquelas descritas para o Membro

Passo da Promessa. A espessura desta unidade é da ordem de 350 m, constituída por arenitos e conglomerados em camadas de geometria acanalada e lenticular. Esta unidade é composta, principalmente, por fácies de arenitos e arenitos conglomeráticos com estratificação cruzada acanalada de médio porte, formada por processos de migração de dunas subaquáticas. As fácies conglomeráticas, frequentes em toda unidade, ocorrem na forma de camadas decimétricas tabulares de conglomerados sustentados por seixos e calhaus maciços e na forma de bolsões lenticulares de conglomerados com estratificação cruzada acanalada.

As fácies encontradas nestas unidades sugerem ambientes de extensas planícies fluviais de canais entrelaçados. As assembléias de fácies indicam que estes sistemas eram compostos por: (i) formas de leito arenosas; (ii) barras longitudinais e transversais arenosas, localmente conglomeráticas; e (iii) por depósitos de carga de fundo associados ao preenchimento de canais por seixos e calhaus. A elevada maturidade textural e a dimensão das estruturas permitem classificar estes depósitos como formados por canais de grande amplitude e de alta taxa de retrabalhamento de sua carga clástica. De acordo com os dados de proveniência e paleocorrentes (*vide* Pelosi *et al.* neste congr.) as áreas fontes situavam-se a sul e eram compostas, predominantemente, por rochas de composição granítica, subordinadamente vulcânicas e metamórficas.

Anais Congr. Brasil. Geol., 41: 2002: João Russo